

AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE AUTOESTIMA E FUNÇÃO SEXUAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS

Professor orientador: Roberto Nascimento de
Albuquerque

Alunas: Lívia Lopes da Silva Vidal de Miranda e
Isadora Alencar Barbosa de Sousa

PROGRAMA DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
PIC/CEUB

RELATÓRIOS DE PESQUISA
VOLUME 10 Nº 1- JAN/DEZ
2024



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**LÍVIA LOPES DA SILVA VIDAL DE MIRANDA
ISADORA ALENCAR BARBOSA DE SOUSA**

**AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE AUTOESTIMA E FUNÇÃO SEXUAL DE
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pesquisa e Extensão.

Orientação: Roberto Nascimento de Albuquerque

**BRASÍLIA
2025**

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho às nossas famílias, que nos acompanharam e apoiaram nas pequenas e silenciosas batalhas para que este trabalho fosse possível.

AGRADECIMENTOS

A faculdade representa um marco importante na vida de um jovem adulto, abrindo horizontes repletos de desafios e oportunidades que podem definir a trajetória profissional.

Nesse vasto mar de possibilidades, tivemos a sorte de encontrar um timoneiro na embarcação, conduzindo-nos com sabedoria, paciência e dedicação.

Em meio a tantas emoções e aprendizados, a gratidão se tornou nosso porto seguro, e o timoneiro permaneceu firme nesta jornada, mesmo diante das tempestades.

Ao nosso orientador, professor Dr. Roberto Nascimento de Albuquerque, guia nesta travessia, expressamos nossa mais profunda e sincera gratidão.

Aos preceptores e professores que acreditaram em nosso potencial, deixamos nossos agradecimentos e a certeza de que levaremos conosco as melhores memórias.

“Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não tem sexo. Como devem progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes oferece provações [...] Aquele que fosse sempre homem só saberia o que sabem os homens.”
(Allan Kardec)

RESUMO

Pesquisas apontam que a baixa autoestima influencia no desenvolvimento da sexualidade, principalmente entre as mulheres. Sentimentos de inferioridade, alterações físicas e hormonais, dentre outros, podem afetar às mulheres e diminuir a satisfação sexual. Frente ao exposto, o presente estudo teve como objetivo investigar a relação entre a autoestima e satisfação sexual de estudantes universitárias de graduação em Enfermagem de uma instituição privada de ensino superior do Distrito Federal. Tratou-se de uma estudo descritivo, transversal, quantitativo, por meio da aplicação de três instrumentos: Questionário com variáveis sociodemográficas, acadêmicas e afetivas; Escala de Autoestima de Rosenberg e; Quociente Sexual Versão Feminina – QS-F. Como critérios de inclusão: mulheres acima de 18 anos; estudantes de Enfermagem regularmente matriculadas na instituição; assinarem o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e; responderem os questionários em sua totalidade. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob parecer nº 7.317.949. Participaram da pesquisa 148 mulheres, com maioria entre 18 e 20 anos (31,9%), heterossexuais (85,4%), autodeclaradas brancas (53,5%), solteiras (79,9%), católicas (45,8%) e estudantes do turno matutino (63,9%). A Escala de Autoestima de Rosenberg apontou que a maioria das entrevistadas se sente pessoas de valor (48%), que possui boas qualidades (54%), capaz de fazer coisas tão bem quanto a maioria (53%), tem atitude positiva em relação a si mesma (55%) e, no conjunto, sentem-se satisfeitas consigo mesmas (55%). Contudo, 47% das entrevistadas pensam que são um fracasso, 37% não têm muito em o que se orgulhar, 45% gostariam de ter mais respeito por si próprias, 51% por vezes se sentem inútil e 26% concordam que, às vezes, não prestam para nada. O QS-F revelou que a satisfação das entrevistadas está entre regular a bom, conforme o QS-F. Em relação ao desejo e interesse sexual, pensar em sexo não tem sido uma constante (22%); o interesse em sexo tem sido suficiente manter suas relações sexuais (44,9%) e; conseguem se envolver durante as relações sexuais sem se distraírem (44,1%). Em relação às preliminares, a maioria afirmou que as preliminares estimulam a continuar a relação sexual (64,6%). Já em relação à excitação e sintonia com o parceiro, verificou-se que costumam ficar lubrificadas durante a relação sexual (45,6%) e, à medida que aumenta a excitação do parceiro, elas se sentem mais estimuladas na relação sexual (55,1%). Ao abordar sobre o conforto nas relações sexuais, a maioria afirmou que há um relaxamento da vagina durante as relações (49,6%) e não sentem dor durante a relação sexual (42,5%). Por fim, 43,3% das entrevistadas conseguem chegar ao orgasmo e 47,2% têm tido mais vontade de se relacionar sexualmente outras vezes. Percebeu-se, claramente, que existe uma correlação direta entre autoestima e função sexual da mulher. Quanto maior a autoestima, melhor a realização sexual. Sugere-se novas pesquisas a fim de traçar novas estratégias voltadas à melhora da autoestima das estudantes e a criação de projetos voltados à essa temática.

Palavras-chave: Sexualidade; Saúde da Mulher; Autoimagem; Saúde Mental; Enfermagem.

SUMÁRIO

1 Introdução	8
1.1 Contextualização da Pesquisa	8
1.2 Objetivos	10
1.2.1 Objetivo Geral	10
1.2.2 Objetivos Específicos	10
2 Fundamentação teórica	11
2.1 A sexualidade humana e a mulher	11
2.2 A vida universitária, autoestima e sexualidade	12
2.4. A sexualidade feminina e a avaliação da função sexual de mulheres	14
3 Método	16
4 Resultados e Discussão	19
4.1 Análise dos dados sociodemográficos e acadêmicos	19
4.2. Análise dos dados relacionados à sexualidade dos sujeitos da pesquisa	22
4.3 Análise dos dados referentes à autoestima dos sujeitos da pesquisa	25
4.4 Análise do Quociente Sexual - versão Feminina	29
5 Conclusões	34
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICES	47
Apêndice A – Instrumento de Coleta de Dados	47
ANEXOS	49
ANEXO A - Escala de Autoestima de Rosenberg	49
ANEXO B - Escala de Quociente Sexual - versão Feminina (QS-F)	50
ANEXO C - Parecer Consubstanciado do CEP	52
ANEXO D - Termo de Consentimento Livre Esclarecido TCLE	57

1 Introdução

1.1 Contextualização da Pesquisa

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a sexualidade humana é determinada por vários fatores e vivenciada por meio de fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos e práticas. Além disso, deve ser entendida como uma confluência de diferentes informações como sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução (Rao; Nagaraj, 2015).

Ressalta-se que, desde 1948, a Organização das Nações Unidas (ONU) afirma que os direitos sexuais e reprodutivos também são vistos como direitos humanos fundamentais. No Brasil, a saúde sexual passou a ser evidenciada, principalmente, depois da criação do Sistema Único de Saúde (SUS), que tem buscado estratégias para garantir que o indivíduo seja livre para desfrutar e expressar a sua sexualidade (OMS, 2020; Martins et al., 2021).

Ressalta-se que o desenvolvimento da sexualidade é relativo e pessoal, pois diferentes fatores (sociais, religiosos, culturais, etc.) influenciam a maneira de enxergar a própria sexualidade. Arelado a isso, é inegável que os tabus que circundam a sexualidade feminina têm raízes profundas na construção cultural e social, servindo como instrumentos que há muito tempo minam a autonomia e a liberdade das mulheres em relação ao próprio corpo e à sua identidade (Silva et al., 2023; Costa; Silva, 2023).

Pesquisas revelam que a saúde sexual e reprodutiva das mulheres tem sido um dos pilares para uma boa qualidade de vida, tanto física quanto mental. Contudo, apontam que o desenvolvimento da sexualidade entre os jovens, principalmente entre as mulheres, não tem sido acompanhado por educação sexual, principalmente para o conhecimento dos aspectos fisiológicos, sociais e emocionais (Acácio et al., 2023; Miranda et. al., 2018).

Nesse contexto, a baixa autoestima pode constituir um importante fator capaz de influenciar diretamente no desenvolvimento da sexualidade, principalmente entre as mulheres. Sentimentos de inferioridade, alterações físicas e hormonais, estresse, dentre outros têm a capacidade de afetar diretamente a saúde mental das mulheres e, conseqüentemente, diminuir a satisfação sexual (Hirschle et al., 2018; Santos et al., 2020; Sofra; Lampe, 2020).

Ao correlacionar a sexualidade feminina e a vida universitária, pesquisas indicam que a entrada no ensino superior favorece o despertar da sexualidade, contudo a baixa autoestima entre estudantes tem sido um predisponente de alteração comportamental, prejudicando a sua capacidade de lidar com os desafios da vida universitária e da vida sexual. Além disso, outros fatores também podem influenciar, tais como: ingresso em um ambiente acadêmico competitivo; adaptação a uma rotina de estudos e atividades extracurriculares que, em certos momentos, são extremamente desafiadores; pressão social e as expectativas em relação ao próprio papel da mulher na sociedade, ao desempenho acadêmico e à imagem corporal (Lima et al., 2017; Carvalho; Araújo, 2020).

Frente ao exposto, acredita-se que a autoestima e a sexualidade de estudantes universitárias podem ter uma correlação importante. A vida universitária é permeada de sentimentos e emoções frente a um mundo novo e desconhecido. Concomitante a essas mudanças, o aumento de atividades inerentes à vida acadêmica tende a haver um aumento do nível de estresse, ansiedade e medo, o que pode impactar negativamente na saúde mental, na autoestima e na função sexual das estudantes (Nguyen et al., 2019; Graner; Cerqueira, 2019).

Portanto, faz-se necessário um olhar direcionado às estudantes universitárias, visando acolhê-las desde o momento do ingresso na universidade, uma vez que, habitualmente, encontram-se em um período de readaptação e, em alguns casos, na transição da adolescência para a vida adulta.

Sendo assim, a presente pesquisa tem como a seguinte questão norteadora: “Como a autoestima tem influenciado na sexualidade de estudantes universitárias”?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

O presente estudo teve como objetivo investigar a relação entre autoestima e a função sexual de estudantes universitárias de graduação em Enfermagem de uma instituição privada de ensino superior do Distrito Federal.

1.2.2 Objetivos Específicos

Como objetivos específicos:

- Avaliar a autoestima de estudantes universitárias, tais como sentimentos de confiança e aceitação pessoal, sentimento de fracasso, autodepreciação, percepção de qualidades próprias e autovalorização;
- Avaliar a função sexual de estudantes universitárias, tais como desejo e interesse sexual, preliminares, excitação pessoal e sintonia com o parceiro, conforto, orgasmo e satisfação.

2 Fundamentação teórica

2.1 A sexualidade humana e a mulher

A sexualidade é um fenômeno natural do ser humano e pode ser influenciada por fatores biológicos, fisiológicos, emocionais, sociais e culturais. Por ser uma expressão inerente a cada pessoa, ela se manifesta, se sente e se expressa de maneira particular e individual. Além disso, é parte integrante da personalidade do ser humano e seu desenvolvimento se completa enquanto necessidade humana básica, como o desejo de contato, intimidade, expressão emocional, prazer, amor e carinho (Oka; Laurenti, 2018; Queiroz et al., 2015).

Contudo, a temática da sexualidade tem sido velada ao longo dos tempos, especialmente quando se diz da sexualidade feminina. Concepções, muitas vezes distorcidas, geram mitos e tabus sexuais decorrentes de ideias que geram discriminação social e preconceito (Figueiroa et al., 2017).

Pesquisas revelam que as discussões sobre a sexualidade feminina tiveram seu grande marco após a primeira e segunda Guerras Mundiais - enquanto os homens lutavam na guerra, as mulheres buscavam espaço no mercado de trabalho no intuito de sustentar suas famílias. Isso fez com que houvesse uma importante mudança no mundo feminino. Por volta da década de 1960, o advento da pílula anticoncepcional foi um marco para a saúde sexual e reprodutiva da mulher – começou-se a separar o “sexo reprodutivo do sexo prazeroso” (Orso; Pumariega, 2022).

Apesar dos inúmeros avanços que ocorreram em relação à saúde sexual e reprodutiva da mulher, estudos indicam que essa temática ainda é rodeada por enormes debates, tabus, mitos e verdades. A vida sexual das mulheres ainda está alicerçada em padrões morais, éticos e comportamentais que ainda são importantes entraves na construção da sua próxima sexualidade (Oliveira; Rezende; Gonçalves, 2018).

Portanto, falar sobre sexualidade feminina implica refletir sobre a história, a antropologia, a moral e a evolução social. Isso porque não se pode falar sobre

sexualidade de maneira fragmentada, dividida, estanque. As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes (Antoniassi Júnior, 2023).

2.2 A vida universitária, autoestima e sexualidade

A autoestima é um conceito complexo e que envolve crenças, percepção e de si e do outro. No contexto da saúde mental, uma autoestima elevada pode auxiliar o indivíduo no enfrentamento de situações aversivas. Já uma autoestima reduzida pode acarretar em transtornos mentais como ansiedade e depressão (Karaca et al., 2019).

Nota-se que a autoestima e a sexualidade de estudantes universitárias podem ter uma correlação importante; autoestima elevada pode propiciar padrões de sexualidade mais saudáveis, enquanto a baixa autoestima pode condicionar a diminuição da qualidade da sexualidade (Brasil, 2013).

Rosenberg, um dos expoentes sobre estudos da autoestima, afirma que a autoaceitação e o reconhecimento das suas próprias qualidades são componentes essenciais para desenvolver uma autoestima saudável. Como consequência, observa-se importante melhora da saúde mental e física, incluindo maior flexibilidade ao estresse, satisfação com a vida, bem-estar emocional, melhor desempenho acadêmico e profissional e melhora da satisfação sexual (Rosenberg, 1965).

2.3 A autoestima e a avaliação da autoestima

A autoestima é definida como a avaliação pessoal que um indivíduo faz sobre seu valor e capacidades, impactando seus pensamentos, emoções e comportamentos. Rosenberg (1965), um dos primeiros e principais estudiosos da autoestima, a define como uma atitude positiva ou negativa em relação a si mesmo. Esse conceito é multifacetado, abrangendo crenças e percepções sobre si e os outros, moldado pelas experiências e interações sociais. Pesquisas apontaram que, no âmbito da saúde mental, a autoestima desempenha um papel vital na vida das pessoas, pois altos níveis de autoestima podem ajudar a lidar com adversidades. Por outro lado, a baixa

autoestima está frequentemente ligada a problemas como ansiedade e depressão. Assim, a autoestima é um construto dinâmico e sensível ao ambiente, sendo um importante indicador do bem-estar psicológico e emocional (Karaca et al., 2019; Da Silva, 2019; Marcelino; Elias, 2023; Rosenberg, 1965).

É válido destacar que a autoestima também exerce influência significativa no desenvolvimento pessoal e profissional afetando como as pessoas se vêem e interagem com o mundo ao seu redor. Pesquisas revelaram, por exemplo, que estudantes universitários têm apresentado importantes alterações na autoestima, as quais têm consequências tanto biológicas, quanto psicológicas, sociais e espirituais (Andriola; Araújo, 2021; Lima et al., 2017).

Além disso, observou-se que as estudantes universitárias, especificamente, têm sido mais vulneráveis à baixa autoestima, principalmente quando existem expectativas relacionadas ao papel da mulher na sociedade, desempenho acadêmico, aparência física, dentre outras (Andriola; Araújo, 2020; Preto et al., 2020; Maciel et al., 2022).

Nesse contexto, torna-se extremamente relevante pesquisas que abordem a avaliação da autoestima, pois está ligada ao bem-estar psicológico e ao comportamento das pessoas. Compreender esses efeitos permite criar estratégias para promover a autoestima e prevenir possíveis consequências negativas para a saúde mental (Marrone; De Souza; Hutz, 2019; Andrade et al., 2021).

No campo da Enfermagem, por exemplo, avaliar a autoestima tem sido essencial para planejar o cuidado e promover o bem-estar emocional das pessoas. Diagnósticos de Enfermagem propostos pela *NANDA International* como “Baixa autoestima situacional” (00119) e “Baixa autoestima crônica” (00120) são preocupações que o enfermeiro deve avaliar para prescrever intervenções de Enfermagem focadas na promoção da autoestima, fortalecimento da autoimagem e desenvolvimento de habilidades de enfrentamento (NANDA-I, 2024; Almeida, 2023; Andrade et al., 2021).

Frente ao exposto, percebe-se que a avaliação da autoestima tem sido cada vez mais frequente por meio de diferentes métodos, tais como questionários

padronizados, entrevistas quali-quantitativas, observação clínica, dentre outros. Entre os instrumentos mais utilizados, destaca-se a Escala de Autoestima de Rosenberg. Criada por Morris Rosenberg em 1965 e validada no Brasil por Hutz e Zanon (2011), esta escala consiste em dez afirmações que avaliam como o indivíduo percebe seu próprio valor e competência, usando uma escala Likert para classificar a autoestima de baixa a alta. Sua ampla utilização deve-se à simplicidade, confiabilidade e validade, tornando-se uma ferramenta padrão ouro para estudos sobre autoestima em diferentes populações, incluindo estudantes universitários (Hutz; Zanon, 2011).

Outra escala para avaliar a autoestima, também desenvolvida por Rosenberg em 1979 e validada no Brasil por Avanci e colaboradores (2007), tem sido uma das escalas mais aplicadas na literatura nacional e internacional até os dias de hoje para avaliar a autoestima (Marrone; Souza; Hutz, 2019). Esta escala tipo Likert é constituída por dez questões fechadas, com opções de respostas “concordo totalmente, concordo, discordo e discordo totalmente” e avalia a atitude e o sentimento positivo ou negativo por si mesmo. Ela engloba questões de satisfação pessoal, autodepreciação, percepção de qualidades, competência, orgulho de si, auto valorização, respeito e sentimento de fracasso. (Marrone;De Souza; Hutz, 2019)

Ressalta-se que os questionários usados para avaliar a autoestima procuram refletir sobre a visão do indivíduo sobre si mesmo, levando em conta tanto fatores emocionais quanto sociais. O valor dessas ferramentas tanto na pesquisa quanto na prática clínica está relacionado a sua habilidade de converter percepções subjetivas em dados quantificáveis, possibilitando um entendimento mais aprofundado dos efeitos da autoestima na saúde mental e na qualidade de vida (Avanci *et al*, 2007).

2.4. A sexualidade feminina e a avaliação da função sexual de mulheres

Estudos apontam que as mulheres são reconhecidas como minorias sociais, ou seja, correspondem a uma população que apresenta questões relacionadas à desigualdade de poder, de direitos e de oportunidades, principalmente se forem pretas, pardas e pobres. Ademais, ao se tratar de saúde sexual e reprodutiva feminina, faz-se necessário a criação e o fortalecimento de políticas públicas que salvaguardem

experiências sexuais seguras, livres de coerção, discriminação e violência (ONU Mulheres, 1995).

Neste sentido, o governo brasileiro aprovou a Política Nacional de Saúde Sexual e de Saúde Reprodutiva no Brasil, sendo um conjunto de diretrizes e ações que visam garantir o acesso a serviços de saúde, informação e educação para garantir uma vida sexual segura e saudável, e a possibilidade de escolher livremente como exercer a capacidade reprodutiva. Essa Política define que a saúde sexual feminina é um estado de bem-estar físico, emocional, mental e social, sendo a disfunção sexual tida como um fator problemático que ocorre em uma ou mais fases do ciclo de resposta sexual (Brasil, 2004).

Dentre os diversos temas que giram em torno da sexualidade feminina, um tema merece destaque: as disfunções sexuais (DS). A disfunção sexual feminina é entendida como a incapacidade de participar do relacionamento sexual com satisfação. Apesar das DS estarem presentes em ambos os sexos, as mulheres têm apresentado mais queixas sobre o assunto, não se restringindo, apenas, às questões específicas do ato sexual, mas também no desconforto, dor e respostas sexuais (Abdo, 2009; Dantas, 2020).

Mendes (2005) e Wolpe (2017) revelaram que as disfunções sexuais femininas têm sido mais prevalentes entre mulheres de meia-idade, baixo nível escolar e condições de saúde preexistentes que podem agravar essas disfunções, tais como doenças metabólicas, neuropáticas, cardíacas, reumáticas, hipertensivas, bem como obesidade, depressão, câncer e dependência de drogas (Mendes, 2025; Wolpe, 2017).

Frente ao exposto, Abdo (2006) desenvolveu um questionário para avaliar a função sexual feminina brasileira denominado Escala Quociente Sexual Versão Feminina (QS-F). Criada pelo Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, o QS-F possui uma linguagem acessível e tem como objetivo avaliar a função sexual das mulheres e servir como um auxílio para possíveis diagnósticos de disfunção sexual. Ele contém dez questões fechadas que variam de 0 (zero) a 5 (cinco), sendo zero como “nunca” e cinco como “sempre”. Ela aborda questões como desejo e interesse sexual, preliminares, excitação e sintonia com o parceiro, conforto, orgasmo e satisfação (Abdo, 2006).

3 Método

Tipificação

Tratou-se de uma pesquisa quantitativa, por meio de um estudo descritivo, transversal com estudantes universitárias de uma instituição privada de ensino superior do Distrito Federal.

Caracterização do local da pesquisa

Tratou-se de uma instituição privada de ensino superior privada do Distrito Federal a qual possui, dentre seus cursos superiores, o de graduação em Enfermagem.

Objeto de estudo

O objeto do estudo foi investigar a relação entre autoestima e satisfação sexual de estudantes universitárias de graduação em Enfermagem de uma instituição privada de ensino superior do Distrito Federal.

Delimitação e universo da amostra

A amostra foi determinada por conveniência (não probabilística) observando os procedimentos éticos vigentes. Para a realização desta pesquisa foram utilizados os seguintes critérios de inclusão:

- Mulheres acima de 18 anos;
- Estudantes de Enfermagem regularmente matriculadas na instituição;
- Ressalta-se que a escolha do curso foi devido ao fato das pesquisadoras e professor orientador serem deste curso. Isso facilitará o processo de coleta de dados;
- Assinarem o Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE;
- Responderem os questionários em sua totalidade.

Quanto aos critérios de exclusão:

- Participantes inferior a 18 anos;

- Participantes que estavam sem vínculo ou com matrícula trancada na instituição participante;
- Questionários incompletos;
- Participantes que não aceitaram ou não assinaram o TCLE.

Instrumentos de coleta de dados

Os dados foram coletados, de maneira anônima, por meio da aplicação de três questionários: (1) Questionário com variáveis sociodemográficas, acadêmicas e afetivas; (2) Escala de Autoestima de Rosenberg e; (3) QS-F.

Procedimentos metodológicos

A coleta de dados seguiu as seguintes fases: (a) após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, os pesquisadores entraram em contato com a coordenação do curso de Enfermagem para apresentação da pesquisa e obter autorização para entrar nas salas de aula que possuíam acadêmicos de Enfermagem; (b) após autorização concedida, os pesquisadores solicitaram autorização prévia dos professores e acordaram dias específicos para entrarem em sala e aplicarem os instrumentos de coleta de dados; (c) no dia estipulado, os pesquisadores entraram em sala, explicam o estudo e os objetivos da pesquisa; em seguida, para os estudantes que se sentiram à vontade para responder a pesquisa foi solicitado que, antes de responderem ao questionário, lessem e assinassem o Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

O tempo médio previsto para aplicação do instrumento de coleta de dados foi de 15 minutos, aproximadamente.

Ressalta-se que todos os dados foram resguardados da privacidade dos respondentes no ato da aplicação do questionário, tendo em vista o caráter delicado das perguntas, em especial do Quociente Sexual Versão Feminina (QS-F).

A tabulação e análise dos dados foram realizadas por meio do software SPSS 25 para Windows. Os dados obtidos foram mantidos no computador dos pesquisadores responsáveis.

Ressalta-se que a pesquisa seguiu estritamente todos os procedimentos éticos propostos e aprovados pela Resolução no 466/2012 e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob parecer nº 7.317.949 e CAAE 84238424.5.0000.0023 (BRASIL, 2012).

4 Resultados e Discussão

4.1 Análise dos dados sociodemográficos e acadêmicos

No momento da coleta de dados, estavam regularmente matriculados na instituição 350 estudantes de Enfermagem. Participaram da pesquisa 148 estudantes. Contudo, 4 questionários foram excluídos devido a incompletude do preenchimento.

Percebeu-se que a maioria das entrevistadas tinham entre 18 e 20 anos (31,9%), heterossexuais (85,4%), autodeclaradas brancas (53,5%), solteiras (79,9%), católicas (45,8%) e estudantes do período matutino (63,9%), conforme Tabela 1.

Tabela 1: Dados sociodemográficos e acadêmicos dos sujeitos da pesquisa por sexo, idade, orientação sexual, raça, estado civil, religião, curso, turno de estudo. Brasília, 2025 (n=148).

	N(%)
Sexo	
Feminino	144 (100%)
Idade	
18 a 20 anos	46 (31,9%)
21 a 22 anos	38 (26,4%)
23 a 24 anos	23 (16,0%)
Acima de 25 anos	37 (25,7%)
Orientação Sexual	
Heterossexual	123 (85,4%)
Bissexual	18 (12,5%)
Homossexual	1 (0,7%)
Outra	2 (1,4%)
Raça	
Branca	77 (53,5%)
Negra	52 (36,1%)
Parda	12 (8,3%)
Asiática	3 (2,1%)
Estado Civil	
Solteira	115 (79,9%)
Casada	23 (16,0%)
Separada/Divorciada	6 (4,1%)
Religião	

Católica	66 (45,8%)
Evangélica	41 (28,5%)
Espírita	11 (7,6%)
Nenhuma	23 (16,0%)
Outra religião	3 (2,1%)
Curso	
Enfermagem	144 (100%)
Turno de Estudo	
Matutino	92 (63,9%)
Noturno	52 (36,1%)
Total	144 (100%)

Fonte: Dados da pesquisa.

A amostra incluiu apenas mulheres, de acordo com um dos critérios de participação do estudo. Isso reflete a realidade já conhecida do curso de Enfermagem, que, no Brasil, historicamente tem sido cursado, eminentemente, por mulheres. Esses dados convergem com dados apresentados pelos Indicadores de Qualidade de Educação Superior, publicado em abril de 2025, os quais revelaram que 84,4% dos inscritos no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) - Enfermagem eram do sexo feminino, em comparação com os 15,2% do sexo masculino (INEP, 2025).

No que diz respeito à faixa etária dos sujeitos da pesquisa, a maioria das alunas tinham entre 18 e 20 anos (31,9%), o que corresponde a uma faixa habitual para estudantes no início ou meio da graduação. Entretanto, ressalta-se a porcentagem de alunas com 25 anos ou mais (25,7%), o que pode sugerir que essas estudantes tenham percursos acadêmicos não lineares ou tenham ingressado na universidade de forma tardia. Esse cenário converge com os dados da *Tabela 10064*, do Censo Demográfico do IBGE, a qual revelou que, no Distrito Federal, 65,5% dos estudantes de Enfermagem têm entre 18 e 24 anos, enquanto os demais 34,5% possuem 25 anos ou mais. Esses números evidenciam a diversidade etária presente no curso e a tendência de ingresso em diferentes momentos da trajetória pessoal e acadêmica (IBGE, 2022).

Em relação à orientação sexual, a maioria das participantes se identificou como heterossexual (85,4%), em contraste com 12,5% que se declararam bissexuais. Essa

porcentagem significativa pode sugerir maior abertura ou visibilidade entre as estudantes. Ademais, 0,7% das estudantes se identificaram como homossexuais, enquanto 1,4% indicaram outra orientação. Quando comparados aos resultados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), divulgada pelo IBGE em 2019, envolvendo indivíduos com 18 anos ou mais, que foi feita pela primeira vez com a adição da pergunta: *“Qual é sua orientação sexual?”* Verificou-se que as porcentagens dos participantes do estudo são consideravelmente mais altas do que as registradas na população adulta do Brasil. Nela, 94,8% se declaram heterossexuais, 0,7% bissexuais e 1,2% homossexuais. Essa discrepância pode indicar o ambiente universitário como um local que oferece mais liberdade para expressar a identidade sexual, principalmente entre mulheres jovens, além da tendência de maior visibilidade e reconhecimento da diversidade em contextos acadêmicos (IBGE, 2022).

A amostra também apresentou uma predominância de indivíduos brancos (53,5%), seguidos por negros (36,1%), pardos (8,3%) e asiáticos (2,1%). Esses números divergiram, parcialmente, com o ENADE-Enfermagem o qual apontou que a maioria dos graduandos de Enfermagem no Brasil se autodeclaram branco (42,9%) e 57,1% de outras etnias (INEP, 2025).

Quanto ao estado civil, a maior parte das participantes da pesquisa se identificou como solteira (79,9%), enquanto uma parte declarou-se casada (16%) ou separada (4,1%). Isso indica uma diversidade considerável nas vivências afetivas, mesmo entre as universitárias. Esses dados confluem com os resultados do ENADE/2023 para o curso de Enfermagem, que indicam que 69,2% das alunas são solteiras, 22,8% são casadas e 4,6% estão separadas ou divorciadas. Embora a porcentagem de solteiras na amostra da pesquisa seja maior do que a registrada em nível nacional, o padrão geral é semelhante. Isso reforça o perfil majoritariamente jovem das alunas e indica que, nesse grupo, os relacionamentos formais são menos comuns ou costumam ser iniciados em fases mais avançadas da vida acadêmica (INEP, 2024).

Em relação à religião, a maioria das participantes da pesquisa é composta por alunas católicas (45,8%) e evangélicas (28,5%). No entanto, há uma quantidade

significativa que afirmou não seguir nenhuma religião (16%). Ao analisar os dados do Censo Demográfico (*Tabela 10198*), nota-se que, no Distrito Federal, a população jovem é predominantemente católica (50,01%), seguida por evangélica (28,76%), espírita (4,91%) e sem religião (3,35%). Assim, observa-se que, entre as estudantes de enfermagem da amostra, existe uma representação religiosa que reflete o perfil geral do DF. Contudo, destaca-se uma maior quantidade de jovens sem religião, o que pode sugerir uma transformação nas práticas espirituais da geração atual ou um afastamento institucionalizado da religiosidade entre as universitárias (IBGE, 2022).

Por fim, conforme os dados do estudo, a maior parte das participantes está matriculada no turno matutino (63,9%), e 36,1% frequentam o noturno. Isso pode ter um impacto direto na rotina, na disponibilidade de tempo e no bem-estar das alunas. Esses dados diferem das informações do Censo da Educação Superior de 2023, que indicam uma predominância de matrículas no período noturno, com 54%, em contraste com 46% no diurno. Essa diferença indica uma característica do curso de Enfermagem, que geralmente requer mais horas práticas durante o dia, o que pode explicar a maior adesão ao turno da manhã entre as alunas da pesquisa (INEP, 2024)

4.2. Análise dos dados relacionados à sexualidade dos sujeitos da pesquisa

Em relação à sexualidade das entrevistas, percebeu-se que a maioria delas não se sente incomodada em conversar sobre sexo (61,1%), já tiveram relações sexuais (88,2%), se sentem totalmente realizada com suas relações sexuais (49,3%), não houve aumento ou diminuição no número de relações sexuais ao adentrar à universidade (72,2%) e concordam totalmente que a autoestima influencia nas relações sexuais (55,6%), conforme Tabela 2.

Tabela 2: Dados relacionados à sexualidade dos sujeitos da pesquisa. Brasília, 2025 (n=144).

Variáveis	N(%)
Você se sente incomodada em conversar sobre sexo?	
Não	88 (61,1%)
Na maioria das vezes não	47 (32,6%)
Na maioria das vezes sim	5 (3,5%)
Sim	4 (2,8%)

Já teve relações sexuais?	
Sim	127 (88,2%)
Não	17 (11,8%)
Se sente realizada com suas relações sexuais?	
Totalmente realizada	71 (49,3%)
Parcialmente realizada	50 (34,7%)
Não me sinto realizada	06 (4,2%)
Ainda não tive relações sexuais	17 (11,8%)
Ao entrar na universidade, suas relações sexuais	
Aumentaram	28 (19,4%)
Nem aumentaram, nem diminuíram	104 (72,2%)
Diminuíram	12 (8,3%)
Você acredita que sua autoestima influencia nas relações sexuais?	
Concordo totalmente	80 (55,6%)
Concordo	50 (34,7%)
Discordo	10 (6,9%)
Discordo totalmente	4 (2,8%)
Total	144 (100%)

Fonte: Dados da pesquisa.

Observou-se que para a grande maioria das mulheres da pesquisa, conversar sobre sexo não gera incômodo (61,1%). As demais (39,9%) informaram que apresentavam algum grau de desconforto ao se deparar com o assunto. Essa ausência de incômodo entre as mulheres sobre falar sobre sexo diverge com os achados de Hooks (2021), a qual apontou que o patriarcado moldou a sexualidade feminina por vias de opressão, e que por isso as mulheres sentiam vergonha do próprio desejo e do medo de falar sobre sexo.

Outro dado relevante da pesquisa foi que a maior parte das mulheres entrevistadas (88,2%) afirmou já ter tido relações sexuais. Essa porcentagem alta também foi verificada em estudo similar, o qual apontou que mais de 99% das mulheres pesquisadas também afirmaram tal experiência (Rocha, 2023). É válido recordar que o panorama atual, normativo e institucional, foi impulsionado pela luta do movimento feminista, como é o caso da PAISM (1984). Esta Política trouxe ao Brasil questões relacionadas à sexualidade e à reprodução, desconstruindo preconceitos e

rompendo com ideias disseminadas socialmente sobre heterossexualidade, feminilidade e o corpo feminino (Brasil, 2004).

Desde 1984, a *Internet* passou por um acelerado processo de desenvolvimento, sendo as redes sociais um item indispensável para os jovens e a sua nova maneira de se relacionar na atualidade. Desta forma, Fleury e Abdo (2024) apontam para uma tendência de adolescentes e jovens mulheres a adquirir mais conhecimento sobre vida sexual por este meio. Apesar disto, as mídias sociais também foram associadas a comportamentos sexuais negativos, abusos e insatisfação sexual, sendo a falta de educação adequada sobre abordagens sexuais nas redes gerarem práticas inseguras associadas às mídias sociais.

Em se tratando da satisfação sexual das estudantes, quase a metade das entrevistadas (49,3%) afirmou total realização em suas relações sexuais. Apesar disto, 34,7% das mulheres responderam estar “parcialmente realizada”. Amaro e colaboradores (2022) apontaram que a satisfação sexual entre universitárias portuguesas geralmente é alta, contudo, consideradas não satisfatórias. Para os pesquisadores, isso ocorre devido às limitações que não dependem apenas do tipo de relacionamento (casual ou estável), mas questões como intimidade, afeto, comunicação sexual e reciprocidade. Além disso, fatores sociais e culturais, como a valorização do sexo romântico, também exercem influências, limitaram a liberdade e satisfação sexual dessas jovens.

Verificou-se, também, que a frequência da atividade sexual das estudantes da pesquisa não aumentou nem diminuiu após a entrada na faculdade (72,2%). Mioralli e colaboradores (2023) apontaram que existe uma correlação diretamente proporcional entre a frequência e a satisfação sexual, ou seja, entende-se que apesar da constância sexual apresentada pela maioria nesta pesquisa, 34,7% sentem-se “parcialmente realizadas”, o que pode significar um resultado de uma baixa frequência sexual.

Por fim, 90,3% das participantes afirmaram que a autoestima influencia nas relações sexuais. Este dado converge com Hooks (2021), a qual defendeu que a autoestima e o amor-próprio seriam alicerces para relações afetivas saudáveis, o que impacta diretamente nas relações sexuais.

4.3 Análise dos dados referentes à autoestima dos sujeitos da pesquisa

A Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR), é uma escala do tipo Likert, de quatro pontos, onde o número 1 indica concordo totalmente e o número 4 indica discordo totalmente. É composta por 10 itens que avaliam uma única dimensão; cinco deles medem sentimentos positivos que a pessoa tem sobre si mesma, enquanto os outros cinco medem sentimentos negativos.

As afirmações positivas (itens 1, 3, 4, 6 e 7) são pontuadas da seguinte maneira: Concordo totalmente = 3 pontos; Concordo = 2 pontos; Discordo = 1 ponto; Discordo totalmente = 0 pontos. As afirmações negativas (itens 2, 5, 8, 9 e 10) são pontuadas da seguinte maneira: Concordo totalmente = 0 pontos; Concordo = 1 ponto; Discordo = 2 pontos; Discordo totalmente = 3 pontos. A soma das pontuações podem levar ao seguinte escore: 15 pontos ou menos (baixa autoestima); entre 16 e 25 pontos (autoestima média) e; entre 26 e 30 pontos (autoestima elevada).

Frente ao exposto, as estudantes entrevistadas na presente pesquisa alcançaram a média de 19,72 pontos, obtendo uma autoestima média. Os dados gerais são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3: Avaliação da Escala de Autoestima de Rosenberg. Brasília, 2025 (n=148).

Variáveis	Média da Pontuação
1. Eu sinto que sou uma pessoa que tenho valor, no mínimo, tanto quanto as outras pessoas	2,34
2. Eu acho que tenho várias boas qualidades	2,45
3. Levando tudo em conta, eu penso que sou um fracasso	2,34
4. Eu acho que sou capaz de fazer as coisas tão bem quanto a maioria das pessoas	2,13
5. Eu acho que eu não tenho muito do que me orgulhar	2,1
6. Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesma	2,09
7. No conjunto, estou satisfeita comigo	1,97
8. Eu gostaria de ter mais respeito por mim mesma	1,17
9. Às vezes me sinto inútil	1,35
10. Às vezes eu acho que eu não presto pra nada	1,78
Total de pontos	19,72

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao avaliar cada item da Escala de Autoestima de Rosenberg, foi verificado que 48% das entrevistadas sentem que são pessoas de valor, que possuem boas qualidades (54%), discordam que são um fracasso (47%), que são capazes de fazer coisas tão bem quanto a maioria das pessoas (53%), que têm com que se orgulhar (41%), possuem uma atitude positiva em relação a si mesma (55%) e, no conjunto, estão satisfeitas consigo mesmas (55%). Contudo, 45% gostariam de ter mais respeito por si própria, 51% por vezes se sentem inúteis e 26% concordam que, às vezes, não prestam para nada. Esses dados são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1: Avaliação da Escala de Autoestima de Rosenberg por ítems. Brasília, 2025 (n=148).

	Discordo Totalmente (n/%)	Discordo (n/%)	Concordo (n/%)	Concordo Totalmente (n/%)
1. Eu sinto que sou uma pessoa que tenho valor, no mínimo, tanto quanto as outras pessoas	3(2%)	12(8%)	62(42%)	67(48%)
2. Eu acho que tenho várias boas qualidades	3(2%)	6(4%)	58(40%)	77(54%)
3. Levando tudo em conta, eu penso que sou um fracasso	63(43%)	70(47%)	9(6%)	2(4%)
4. Eu acho que sou capaz de fazer as coisas tão bem quanto a maioria das pessoas	2(2%)	21(15%)	77(53%)	44(30%)
5. Eu acho que eu não tenho muito do que me orgulhar	59(41%)	54(37%)	24(17%)	7(5%)
6. Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo	1(1%)	24(17%)	80(55%)	39(27%)
7. No conjunto, eu estou satisfeito comigo	2(1%)	32(22%)	78(55%)	32(22%)
8. Eu gostaria de ter mais respeito por mim mesmo	18(13%)	24(16%)	67(45%)	35(26%)
9. Às vezes eu me sinto inútil	23(16%)	26(18%)	74(51%)	21(15%)
10. Às vezes eu acho que eu não presto para nada	42(29%)	47(32%)	37(26%)	18(13%)

Fonte: Dados da pesquisa.

A respeito das respostas obtidas nas duas primeiras variáveis “Eu sinto que sou uma pessoa que tenho valor, no mínimo, tanto quanto as outras pessoas” e “Eu acho que tenho várias boas qualidades”, foi percebido um resultado similar entre ambas. A primeira apresentou um percentual de 48% de respostas para “concordo totalmente”

enquanto a segunda obteve 54% de “concordo totalmente”, evidenciando um resultado positivo sobre a percepção do valor próprio destas estudantes. Essa percepção de alto valor e reconhecimento das próprias qualidades está em consonância com os resultados de pesquisas recentes, nas quais 34,75% e 48,94%, respectivamente, de universitários concordaram com as mesmas questões (Martins; Da Silva; Da Luz, 2021).

Observou-se uma discordância com a terceira variável que diz “Levando tudo em conta, eu penso que sou um fracasso” - 47% das participantes possuem uma visão positiva a respeito de suas conquistas. Contudo, 53% das mulheres concordam ao afirmarem “Eu acho que sou capaz de fazer as coisas tão bem quanto a maioria das pessoas”, indicando também autoconfiança por parte da amostra. Esses resultados estão compatíveis com uma pesquisa recente que revelou níveis moderados de autoestima e autoeficácia entre estudantes de Enfermagem. Além disso, o estudo encontrou uma correlação positiva entre esses dois conceitos. Isso reforça a ideia de que a presença de autoconfiança considerável, evidenciada pelos resultados das duas variáveis, reflete uma tendência identificada na literatura; os estudantes de Enfermagem mantêm-se persistentes e confiantes em suas próprias competências, o que impacta diretamente sua auto eficácia e, conseqüentemente, sua autoestima (Ribeiro et al, 2020).

Verificou-se, também, que 78% das entrevistadas discordaram/discordaram totalmente da afirmativa “Eu acho que não tenho muito do que me orgulhar”. Pesquisa realizada por Freitas e colaboradores (2020), a qual utilizou a EAR apontou um resultado similar, em que a maioria dos estudantes responderam “discordo” para a mesma pergunta. Isso indica que a maioria não compartilha dessa percepção negativa sobre si mesma (Freitas; Cunha; Avelino, 2020).

As variáveis “Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesma” e “No conjunto, eu estou satisfeita comigo” apresentaram resultados equivalentes e bastante positivos. Na primeira afirmativa, 55% das participantes indicaram “concordo” e, na segunda, 55% também responderam “concordo”. No estudo de Martins e colaboradores (2021), o qual analisou a influência da autoestima em sintomas de

Burnout em estudantes de pós-graduação, também foram observados resultados positivos: 47,97% concordaram com a pergunta “No conjunto, eu estou satisfeita comigo” e 43,97% concordaram com o questionamento “Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesma”. Isso mostra que a maioria das estudantes não apenas mantém uma atitude positiva em relação a si mesma, mas também apresenta um bom nível de satisfação pessoal (Martins; Da Silva; Da Luz, 2021).

No que diz respeito à pergunta "Eu gostaria de ter mais respeito por mim mesma", constatou-se um resultado bastante significativo - 45% concordaram com a afirmativa. Isso demonstrou que as entrevistadas ainda possuem percepções menos favoráveis em relação ao respeito próprio. Na pesquisa conduzida por Maciel e colaboradores. (2022), que teve como objetivo avaliar a autoestima de universitárias que são mães, a mesma questão também obteve 45,2% de respostas “concordo”. Em ambos os casos, indica que uma parte importante das participantes sente a necessidade de aumentar o respeito por si própria. Levando em conta que ambos os estudos são exclusivamente realizados com mulheres, esse resultado tem relação com pesquisas que indicam que muitas ainda lidam com pressões sociais e normas culturais que afetam sua percepção de valor pessoal e autoestima, inclusive em contextos acadêmicos (Maciel et al, 2022; Tassinari et al, 2021).

Do mesmo modo, a variável “Às vezes eu me sinto inútil” também apresentou dados alarmantes - 51% das participantes responderam “concordo”. Ainda no estudo de Maciel et al. (2022), foi observado um percentual equivalente, em que 51,6% das participantes concordaram com tal afirmativa. Esse alto índice sugere que a maioria das estudantes, em algum nível, vivencia sentimentos de inutilidade, o que acende um alerta para questões emocionais e de autoestima (Maciel et al., 2022).

Por fim, na afirmação “Às vezes eu acho que eu não presto para nada”, 61% discordaram/discordaram totalmente com a afirmação, sugerindo que a maioria não se identifica com essa visão negativa. Entretanto, trabalhos recentes mostraram resultados diferentes entre os universitários, onde 47% concordaram e 38% concordaram totalmente (Freitas; Cunha; Avelino, 2020).

4.4 Análise do Quociente Sexual - versão Feminina

O Quociente sexual (QS-F) versão feminina é um instrumento que analisa a função sexual e pode auxiliar no diagnóstico das disfunções sexuais. Este questionário avalia as fases do ciclo de resposta sexual e outros domínios: desejo e interesse sexual (questões 1, 2 e 8); preliminares (questão 3); excitação pessoal e sintonia com o parceiro (questões 4 e 5); conforto (questões 6 e 7); orgasmo e satisfação (questões 9 e 10). Cada questão é respondida numa escala que varia de zero a cinco e o escore obtido é multiplicado por dois, resultando numa soma entre zero e 100. Os valores obtidos para a avaliação da função sexual são: entre 0 e 20 pontos (nulo a ruim); entre 22 e 40 pontos (ruim a desfavorável); entre 42 e 60 pontos (desfavorável a regular); de 62 a 80 pontos (regular a bom) e; entre 82 e 100 pontos (bom a excelente desempenho/satisfação sexual) (Abdo, 2009)

Percebeu-se que a pontuação média geral das mulheres entrevistadas foi de 80,04, ou seja, regular a bom . As perguntas com maiores médias indicam que as preliminares são altamente estimulantes (4,50), ocorre uma baixa incidência de dor durante a penetração (4,42) e boa lubrificação e responsividade ao parceiro (4,30). Já as perguntas com menores médias indicam baixa incidência de pensamentos espontâneos em sexo (2,78), desafio na consecução do orgasmo (3,60) e dificuldade de envolvimento/concentração durante a relação sexual (3,70).

Ressalta-se que, nesta Tabela, o número de participantes foi de 127, ou seja, apenas aquelas mulheres que já tinham tido relações sexuais prévias. Os dados podem ser vistos na Tabela 4.

Tabela 4: Avaliação da Escala de Quociente Sexual – versão Feminina (QS-F) dos sujeitos da pesquisa. Brasília, 2025 (n=127).

Variáveis	Média da Pontuação
1. Você costuma pensar espontaneamente em sexo, lembra de sexo ou se imagina fazendo sexo?	2,78
2. O seu interesse por sexo é suficiente para você participar da relação sexual com vontade?	4,00

3. As preliminares a estimulam a continuar a relação sexual?	4,50
4. Você costuma ficar lubrificada (molhada) durante a relação sexual?	4,30
5. Durante a relação sexual, à medida que a excitação do seu parceiro vai aumentando, você também se sente mais estimulada para o sexo?	4,30
6. Durante a relação sexual, você relaxa a vagina o suficiente para facilitar a penetração do pênis?	4,27
7. Você costuma sentir dor durante a relação sexual, quando o pênis penetra em sua vagina?	4,42
8. Você costuma se envolver, sem se distrair (sem perder a concentração), durante a relação?	3,70
9. Você consegue atingir o orgasmo (prazer máximo) nas relações sexuais que realiza?	3,60
10. O grau de satisfação que você consegue com a relação sexual lhe dá vontade de fazer sexo outras vezes, em outros dias?	4,15
	40,02
Total de pontos (vezes 2)	(80,04)

Também avaliou, pelo QS-F, questões voltadas ao interesse sexual, as preliminares, a excitação e a sintonia com o parceiro, o conforto e o orgasmo e satisfação com as relações sexuais.

Percebeu-se que, em relação ao desejo e interesse sexual das entrevistadas, pensar em sexo não tem sido uma constante (22%); o interesse em sexo tem sido suficiente manter suas relações sexuais (44,9%) e; conseguem se envolver durante as relações sexuais sem se distraírem (44,1%).

Em relação às preliminares, a grande maioria (64,6%) afirmou que as preliminares estimulam a continuar a relação sexual.

Já em relação à excitação e sintonia com o parceiro, a maioria das entrevistadas apontou que costumam ficar lubrificadas durante a relação sexual (45,6%) e, à medida que aumenta a excitação do parceiro, elas se sentem mais estimuladas na relação sexual (55,1%).

Quando se abordou o contexto de conforto nas relações sexuais, a maioria afirmou que há um relaxamento da vagina para as relações (49,6%) e não sentem dor durante a relação sexual (42,5%).

Por fim, sobre orgasmo e satisfação, 43,3% das entrevistadas conseguem chegar ao orgasmo e 47,2% têm tido mais vontade de se relacionar sexualmente outras vezes.

Os dados podem ser vistos no quadro 2.

Quadro 2: Avaliação da Escala de Quociente Sexual – versão Feminina (QS-F) dos sujeitos da pesquisa. Brasília, 2025 (n=127).

Variáveis	Nunca (n/%)	Raramente (n/%)	Às vezes (n/%)	~ 50% das vezes (n/%)	A maioria das vezes (n/%)	Sempre (n/%)
1. Você costuma pensar espontaneamente em sexo, lembra de sexo ou se imagina fazendo sexo?	2 (1,6%)	15 (11,8%)	44 (34,6%)	28 (22%)	24 (19%)	14 (11%)
2. O seu interesse por sexo é suficiente para você participar da relação sexual com vontade?	1 (0,8%)	5 (3,9%)	10 (7,9%)	8 (6,3%)	57 (44,9%)	46 (36,2%)
3; As preliminares a estimulam a continuar a relação sexual?	0 (0%)	2 (1,6%)	4 (3,1%)	5 (4%)	34 (26,7%)	82 (64,6%)
4. Você costuma ficar lubrificada (molhada) durante a relação sexual?	0 (0%)	0 (0%)	7 (5,5%)	5 (4%)	57 (44,9%)	58 (45,6%)
5. Durante a relação sexual, à medida que a excitação do seu parceiro vai aumentando, você também se sente mais estimulada para o sexo?	1 (0,8%)	4 (3,1%)	5 (4%)	6 (4,7%)	41 (32,3%)	70 (55,1%)
6. Durante a relação sexual, você relaxa a vagina o suficiente para facilitar a penetração do pênis?	1 (0,8%)	0 (0%)	5 (4%)	9 (7,1%)	49 (38,5%)	63 (49,6%)
7. Você costuma sentir dor durante a relação sexual, quando o pênis penetra em sua vagina?	28 (22%)	54 (42,5%)	29 (23%)	6 (4,7%)	7 (5,5%)	3 (2,3%)
8. Você costuma se envolver, sem se distrair (sem perder a concentração), durante a relação?	1 (0,8%)	7 (5,5%)	11 (8,7%)	21 (16,5%)	56 (44,1%)	31 (24,4%)
9. Você consegue atingir o orgasmo (prazer máximo) nas relações sexuais que realiza?	0 (0%)	11 (8,7%)	13 (10,2%)	21 (16,5%)	55 (43,3%)	27 (21,3%)

10. O grau de satisfação que você consegue com a relação sexual lhe dá vontade de fazer sexo outras vezes, em outros dias?	1 (0,8%)	5 (4%)	5 (4%)	12 (9,4%)	44 (34,6%)	60 (47,2%)
--	-------------	-----------	-----------	--------------	---------------	---------------

Em relação aos resultados gerados pela aplicação deste questionário, para a pergunta sobre “ Você costuma pensar espontaneamente em sexo, lembra de sexo ou se imagina fazendo sexo?” obteve-se o maior percentual para a resposta “às vezes” com valor de 34,6%. Em estudos recentes, observou-se os maiores percentuais para a mesma resposta, variando entre 33,8% e 37,7%. Diante disto, entende-se que o assunto sexo não se faz tão presente nos pensamentos femininos durante o cotidiano, o que está em conformidade com a maneira de desencadear o ciclo de resposta sexual feminino, necessitando-se de um estímulo primário (Silva *et al*, 2023; Rocha; Oliveira, 2023; Basson, 2000).

Quando questionadas sobre “ O seu interesse por sexo é suficiente para você participar da relação sexual com vontade?”, 44,9% responderam que “ A maioria das vezes”, seguida por um resultado também significativo de 36,2% para a resposta “Sempre”. Rocha e Oliveira(2023) também teve maior dado apontado para “a maioria das vezes”, com percentual semelhante a esta pesquisa, seguida pela resposta “sempre” com o segundo maior valor. Nota-se que apesar da pouca expressividade das participantes com relação aos pensamentos sexuais no cotidiano, percebe-se que, mesmo assim, a maioria considera o interesse ser suficiente para estar em uma relação sexual (Rocha; Oliveira, 2023).

No que se refere à pergunta “As preliminares a estimulam a continuar a relação sexual?”, as respostas das participantes foram 64,6% correspondendo a “sempre”. Purificação e Saraiva (2021), em sua pesquisa, não encontrou disfunção associada ao quesito “excitação feminina”. Desta mesma forma, na presente pesquisa, as respostas indicaram dados satisfatórios com relação às preliminares (Purificação; Saraiva, 2021).

Em seguida, a análise da questão “Você costuma ficar lubrificada (molhada) durante a relação sexual?” revelou que a maioria delas afirmam que sim, pelo menos na maioria das vezes. Estudos mostram que a qualidade da vida sexual das mulheres é afetada pelo acúmulo de impactos decorrentes da variedade de doenças crônicas,

gerando uma redução em cadeia das fases sexuais, passando pelo desejo, excitação, e que por fim acaba por afetar a lubrificação. Neste sentido, a presente pesquisa foi realizada com jovens universitárias, perfil tido com menor prevalência de doenças crônicas (Polland *et al*, 2018; Appa *et al*, 2014).

Quando questionadas sobre “Durante a relação sexual, à medida que a excitação do seu parceiro vai aumentando, você também se sente mais estimulada para o sexo?”, a maior parte das entrevistadas afirmaram que “sempre”. Para Bolsoni *et al* (2024), o maior valor pertenceu às respostas consideradas “sempre”, representando 47,5%, em conformidade com o resultado obtido nesta pesquisa. Vale ressaltar que a presente investigação tem como limitação as questões disfuncionais e psicológicas que estejam relacionadas aos parceiros, e que possam a vir influenciar o fenômeno em análise (Bolsoni *et al*, 2024).

As respostas à pergunta “ Durante a relação sexual, você relaxa a vagina o suficiente para facilitar a penetração do pênis?” corresponderam a 49,6% para “sempre”. Dantas (2020) aplicou o QS-F em mulheres de 19 a 49 anos de seis Unidades de Saúde da Família no nordeste do Brasil, resultando em 47,1% das respostas para afirmativa “sempre”. Desta forma, percebe-se que mesmo com a mudança de ambiente e região, os dados para esta pergunta seguem com valores próximos (Dantas *et al*, 2020).

Quanto a percepção das entrevistas a respeito do questionamento “Você costuma sentir dor durante a relação sexual, quando o pênis penetra em sua vagina?”, resultou em 42,5% para “raramente”, seguida por 23% para “às vezes”. Na pesquisa de Fonseca e Beresin (2008), o valor encontrado para “raramente” foi de 38,3%, enquanto que 27,8% pertenceu à afirmativa “às vezes”. Nota-se, assim, um valor importante e persistente, mesmo com significativa distância temporal entre as pesquisas, demonstrando que a dor ainda é um fator com frequência relevante na vida sexual das mulheres (Fonseca; Beresin, 2008).

Em se tratando da questão “Você costuma se envolver, sem se distrair (sem perder a concentração), durante a relação?” 44,1% representaram “a maioria das vezes”. Para Silva (2023), 44,4% relataram que conseguem focar na relação sexual na maioria das vezes, número bem próximo ao encontrado nesta pesquisa. (Silva *et al*, 2023)

Por fim, as duas últimas perguntas, responsáveis por avaliar o orgasmo e satisfação, resultaram em 43,3% para “a maioria das vezes” e 47,2% para “sempre”, respectivamente às perguntas 9 e 10.

5 Conclusões

A presente pesquisa teve como propósito principal investigar a relação entre autoestima e satisfação sexual de estudantes universitárias de graduação em Enfermagem de uma instituição privada de ensino superior do Distrito Federal, bem como avaliar a autoestima e a função sexual das entrevistadas.

Inicialmente, ao avaliar a autoestima das entrevistadas, percebeu-se que a maior parte das participantes possuía uma percepção positiva de si mesmas. Isso ficou evidente pelos altos níveis de concordância com afirmações relacionadas ao valor próprio, reconhecimento de qualidades, orgulho pessoal, atitude positiva e satisfação pessoal. Esses resultados apontam para um perfil geral de autoestima e autoconfiança positivo entre as alunas, o que sugere resiliência e crença em suas próprias competências. Porém, também surgiram pontos relevantes, como a porcentagem considerável de participantes que gostariam de ter mais respeito por si mesmas (45%) e aquelas que se sentem inúteis em algum momento (51%). Isso mostra que, embora o cenário seja majoritariamente positivo, ainda há fragilidades emocionais e percepções negativas que precisam ser abordadas. Esses pontos de vulnerabilidade refletem possíveis impactos de pressões sociais, acadêmicas e culturais que podem influenciar a autoestima feminina no ambiente universitário.

Posteriormente, ao avaliar a satisfação/função sexual das estudantes, observou-se que a média geral das entrevistadas foi classificada de “regular a bom”, indicando preliminares altamente estimulantes, baixa incidência de dor durante a penetração, boa lubrificação e responsividade ao parceiro. Por outro lado, pensamentos espontâneos sobre sexo não se mostraram persistentes entre as

estudantes, da mesma forma foi possível perceber dificuldade na consecução do orgasmo e com o envolvimento/concentração durante a relação sexual.

Por fim, os resultados indicaram uma conexão entre autoestima e satisfação/função sexual, uma vez que a forma como as estudantes se percebem e se valorizam afeta diretamente a qualidade de suas experiências sexuais. Aspectos da EAR que demonstraram autoconfiança, foram associados a elementos da função sexual, como excitação, lubrificação e satisfação. Isso sugere que a segurança sobre si mesma facilita a entrega emocional e física na relação. Por outro lado, respostas negativas a questões como "Às vezes me sinto inútil" e "Gostaria de ter mais respeito por mim mesma" foram ligadas a dificuldades relacionadas ao desejo, orgasmo e concentração durante o ato sexual. Isso mostra que vulnerabilidades emocionais e inseguranças podem limitar o prazer e a conexão íntima.

Frente ao exposto, faz-se necessário que as universidades possam criar espaços de escuta e acolhimento para que essas questões possam ser debatidas, além de traçar novas estratégias de promoção da saúde mental e promoção da saúde sexual e reprodutiva das mulheres no âmbito universitário.

Sugere-se que novos estudos sejam realizados dando ênfase à comunidade LGBTQIAPN+, pois o questionário QS-F não abrange relações sáficas. Sendo assim, a continuidade de pesquisas nessa área é crucial para o avanço do conhecimento sobre autoestima e saúde sexual e reprodutiva das mulheres e sua aplicação em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS

ABDO, Carmita. Elaboração e validação do quociente sexual - versão feminina: uma escala para avaliar a função sexual da mulher. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, v. 63, n. 9, p. 477–482, 2009. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/upload/S/1413-9979/2009/v14n2/a0013.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2025.

AVANCI, Joviana Q. *et al.* Adaptação Transcultural de Escala de Auto-Estima para Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 20, n. 3, p. 397- 405., 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/vFYmpGXxSbJ4szKVC9gjwSq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 ago. 2025.

ACÁCIO, Mariana da Silva; PEIXOTO, Jefferson de Oliveira.; MAGALHÃES, Isabella Medeiros de Oliveira. A saúde da mulher como foco principal em uma Unidade de Atenção Básica: um relato de experiência. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 12, n. 7, p. e6812742451, 2023. Doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v12i7.42451>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/42451>. Acesso em: 6 ago. 2025.

ALMEIDA, Janaína Cristina Pasquini de. O trabalho do enfermeiro na saúde mental: um olhar a partir das habilidades relacionais. *Agência de Bibliotecas e Coleções Digitais*, Ribeirão Preto, 2023. DOI: 10.11606/T.22.2023.tde-08032024-125021. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003193870> . Acesso em: 7 ago. 2025.

ANDRIOLA, Wagner Bandeira; ARAÚJO, Adriana Castro. Adaptação de alunos ao ambiente universitário: estudo de caso em cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 110, p. 135–159, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362020002802251>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/nqZZQwNrQFwffVBcNF79btb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 7 ago. 2025.

ANDRADE, Maria Betânia Tinti de *et al.* Atitudes de universitários da área da saúde relacionadas ao comportamento suicida. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 10, n. 5, p. e25210514804, 2021. DOI: [10.33448/rsd-v10i5.14804](https://doi.org/10.33448/rsd-v10i5.14804). Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003076761>. Acesso em: 7 ago. 2025.

AMARO, Helena Delgado; ALVAREZ, Maria-João; FERREIRA, Joaquim Armando. Sexual gender roles and stereotypes and the sexual double standard in sexual satisfaction among Portuguese college students: an exploratory study. *Psychology & Sexuality*, [s. l.], v. 13, n. 5, p. 1350-1365, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/19419899.2022.2039271>. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/61696/1/Sexual%20gender%20roles%20and%20stereotypes%20and%20the%20sexual%20double%20standard%20in%20sexual%20satisfaction%20among%20Portuguese%20college%20students%20an%20exploratory%20study.pdf>. Acesso em: 7 de ago 2025.

APPA, Ayesha A. *et al.* The impact of multimorbidity on sexual function in middle-aged and older women: beyond the single disease perspective. *The Journal of Sexual Medicine*, [s. l.], v. 11, n. 11, p. 2744-2755, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1111/jsm.12665>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1743609515305981#:~:text=Female%20Sexual%20DysfunctionMultimorbidityChronic>. Acesso em: 7 de ago 2025.

BOLSONI, Thais Lisboa Fernandes *et al.* Uso de contraceptivos hormonais orais e a função sexual de graduandas de enfermagem. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, [s. l.], v. 35, p. 1151, 2024. DOI: 10.35919/rbsh.v35.1151. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1151. Acesso em: 10 ago. 2025.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Apresentação: ENADE e Indicadores de Qualidade da Educação Superior*. Brasília, DF: INEP, 2025. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/2023/apresentacao_enade_indicadores.pdf. Acesso em: 16 Jul. 2025.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Censo da Educação Superior: Resultados*. Brasília: INEP, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>. Acesso em: 06 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Mulheres - PNAISM*. Brasília (DF), 2004. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_atencao_mulher.pdf. Acesso em: 06 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde sexual e saúde reprodutiva. Cad. Atenção Básica.. Brasília (DF), 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf Acesso em: 06 ago. 2025.

BASSON, Rosemary. The female sexual response: a different model. *Journal of Sex & Marital Therapy*, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 51-65, 2000. DOI: 10.1080/009262300278641. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/009262300278641>. Acesso em: 7 de ago 2025.

CARVALHO, Rodolfo Xavier da Costa; ARAÚJO, Telma Maria Evangelista de. Conhecimentos, atitudes e práticas de adolescentes universitários sobre sífilis: estudo transversal no Nordeste. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 54, n. 120, p. 1-13, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054002381>. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2020.v54/120/pt>. Acesso em: 6 ago. 2025.

COSTA, Sarah Marçal; SILVA, Juliana Rodrigues Faria de. A vivência da mulher frente aos tabus da sexualidade feminina. *Vistacien*, [S. l.], v. 1, n. 4, p. 1-14, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.10182907. Disponível em: <https://vistacien.com.br/wp-content/uploads/2023/11/11-A-VIVENCIA-DA-MULHER-FRENTE-AOS-TABUS-DA-SEXUALIDADE-FEMININA-150-162.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2025.

DANTAS, Jardelina Hermecina *et al.* Sexual function and functioning of women in reproductive age. *Fisioterapia em Movimento*, Curitiba, v. 33, p. e003307, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-5918.33.ao07>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fm/a/XGcWwpGfPTBMYMYD58M7G5f/?lang=en>. Acesso em : 7 ago 2025.

DANTAS, Jardelina Hermecina *et al.* Sexual function and functioning of women in reproductive age. *Fisioterapia em Movimento*, v. 33, p. e003307, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-5918.33.ao07>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fm/a/XGcWwpGfPTBMYMYD58M7G5f/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 10 ago. 2025.

DA SILVA, Daniel Augusta. A autoestima e o comportamento suicida em estudantes universitários: uma revisão da literatura. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, [S. l.], n. 23, p.

e422, 2019. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e422.2019>. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/422>. Acesso em: 7 ago. 2025.

ENADE. RELATÓRIO SÍNTESE DE ÁREA ENFERMAGEM. [s.l.: s.n.]. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/relatorio_sintese/2023/enfermagem.pdf.

FONSECA, Maria Fernanda Santos Marques da; BERESIN, Ruth. Avaliação da função sexual de estudantes de graduação em Enfermagem. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 430–436, 2008. DOI: 10.15343/0104-7809.200832.4.3. Disponível em: <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/830>. Acesso em: 10 ago. 2025.

FREITAS, Josiane Aparecida Alves de; CUNHA, Jacqueline Veneroso Alves da; AVELINO, Bruna Camargos. Narcisismo e Comparação Social: uma Análise entre Estudantes de Ciências Contábeis. *Sociedade Contabilidade e Gestão*, [s.l.], v. 15, n. 1, p. 80–98, 2020. DOI: https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v0i0.22921. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/scg/article/view/22921>. Acesso em: 9 de ago 2025.

FIGUEIROA, Maria das Neves *et al.* A formação relacionada com a sexualidade humana na percepção de estudantes de enfermagem. *Revista de Enfermagem Referência*, v. 4, n. 15, p. 21- 36, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3882/388255693004/html/>. Acesso em: 06 ago. 2025.

FLEURY, Heloisa Junqueira; ABDO; Carmita Helena Najjar. A influência das mídias sociais nos relacionamentos sexuais dos jovens. *Diagn Tratamento*, [s.l.], v. 29, n.2, p. 51-54, 2024. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2024/05/1553884/rdt_v29n2_51-54.pdf. Acesso em: 06 ago. 2025.

GRANER, Karen Mendes; CERQUEIRA, Ana Teresa Abreu Ramos. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciência & saúde coletiva*, v. 24, n. 4, p. 1327–1346, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017>. Disponível em: scielo.br/j/csc/a/RLFrGpHpQKgyPwXvHx3B3b/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 06 ago. 2025.

GRANER, Karen Mendes; CERQUEIRA, Ana Teresa de Abreu Ramos. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, Mangueiras, v. 24, n. 4, p. 1327-1346, 2019. DOI: 10.1590/1413-81232018244.09692017. Disponível em: scielo.br/j/csc/a/RLFrGpHpQKgyPwXvHx3B3b/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 6 ago. 2025.

HEATHER HERDMAN, T.; KAMITSURU, S.; LOPES, C. T. Diagnósticos De Enfermagem Da NANDA - I. [s.l.] Artmed, 2024.

HIRSCHLE, Tamiris Molina Ramalho; Maciel, Silvana Carneiro; Amorim, Geane Karla de. Representações sociais sobre o corpo e satisfação sexual de mulheres mastectomizadas e seus parceiros. *Temas em Psicologia*, João Pessoa, v. 26, n. 1, p. 457-468, 2018. DOI: <https://doi.org/10.9788/tp2018.1-18pt>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tpsy/a/gWV3kfDqxTdjFVJjM7j66TS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 ago. 2025.

HUTZ, Claudio Simon; ZANON, Cristian. Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg: Revision of the adaptation, validation, and normalization of the Rosenberg self-esteem scale. *Revista Avaliação Psicológica*, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 41–49, 2011. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000100005. Acesso em: 7 ago. 2025.

HOOKS, Bell. Tudo Sobre o Amor: Novas Perspectivas. Editora Elefante, São Paulo, 2021.

IBGE. Pesquisa nacional de saúde : 2019 : orientação sexual auto identificada da população adulta / IBGE, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios. Rio de Janeiro: Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, 2022.

JUNIOR, Gilmar Antoniassi. Vamos dialogar? A sexualidade desconhecida e encoberta. *Altus Ciência*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 1-12, 2023. DOI:10.5281/zenodo.7884075. Disponível em: <http://revistas.fcjp.edu.br/ojs/index.php/altuscienca/article/view/91/67>. Acesso em: 7 ago. 2025.

KARACA, A. *et al.* Relationship between mental health of nursing students and coping, self esteem and social support. *Nurse Education Today*, [S. l.], v. 76, n. 1., p. 44-50, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.nedt.2019.01.029>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30769177>. Acesso em: 7 ago. 2025.

LIMA, Brigitt Vasconcelos de Brito Gomes *et al.* Avaliação da ansiedade e autoestima em concluintes do curso de graduação em enfermagem. *Revista de Enfermagem UFPE online*, Recife, v. 11, n. 11, p. 4326-4333, 2017. DOI: 10.5205/reuol.23542-49901-1-ED.1111201708. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/13440/24678>. Acesso em: 6 ago. 2025.

MIORALLI, Carolina Milena; VIANA, João Lucas Dias; NORONHA, Ana Paula Porto. Avaliação da Associação entre Autoestima, Satisfação e Comportamento Sexual em Mulheres. *Interação em psicologia*, [s. l.], v. 27, n. 02, 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.5380/riep.v27i2.79973>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/download/79973/50631>. Acesso em: 7 de ago 2025.

MARRONE, Daniela Bergesch D’Incao; DE SOUZA, Luciana Karine; HUTZ, Claudio Simon. O uso de escalas psicológicas para avaliar autoestima. *Avaliação Psicológica*, [S. l.], v. 18, n. 3, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2019.1803.15982.02>. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v18n3/03.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2025.

MIRANDA, Patrícia Sofia Ferreira *et al.* Comportamentos sexuais: estudo em jovens. *Einstein*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 1-7, 2018. DOI: 10.1590/S1679-45082018AO4265. Disponível em: <https://journal.einstein.br/article/sexual-behaviors-study-in-the-youth/>. Acesso em: 6 ago. 2025.

MARCELINO, Madeleine Reinert; ELIAS, Nassim Chamel. O que é autoestima para os analistas do comportamento? Uma revisão sistemática. *Interação em psicologia*, Curitiba, v. 27, n. 3, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5380/riep.v27i3.85436>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/85436>. Acesso em: 7 ago. 2025.

MACIEL, Victória de Quadros Severo *et al.* Autoestima de mães universitárias no ambiente acadêmico. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, [S. l.], v. 15, n. 10, p. e11032, 2022. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e11032.2022>. Disponível

em:<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/11032>. Acesso em: 7 ago. 2025.

MENDES, I. L. Reabilitação das Disfunções do Assoalho Pélvico Feminino. Rio de Janeiro: *Thieme Revinter*, 2025. Disponível em:<https://biblio.unoesc.edu.br/acervo/5139986>. Acesso em: 7 ago. 2025.

MARTINS, Nádya Vicência do Nascimento *et al.* Saúde sexual e reprodutiva: conhecimentos, atitudes e práticas de estudantes universitários. *Electronic Journal Collection Health*, [S. l.], v. 24, n. 4, p. 1-12, 2024. DOI: <https://doi.org/10.25248/REAS.e14581.2024>. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/14581/8498>. Acesso em: 6 ago. 2025.

MARTINS, Vinicius Abilio; DA SILVA, Sheila; DA LUZ, Igor Pereira . Influência da Autoestima e Relação Orientador-Orientando nos Sintomas da Síndrome de Burnout: Evidências da pós-graduação stricto sensu em contabilidade no contexto brasileiro. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)*, [S. l.], v. 15, n. 1, 2021. DOI: [10.17524/repec.v15i1.2779](https://doi.org/10.17524/repec.v15i1.2779). Disponível em: <https://www.repec.org.br/repec/article/view/2779>. Acesso em: 9 ago. 2025.

NGUYEN, Dat Nguyen *et al.* Low self-esteem and its association with anxiety, depression, and suicidal ideation in Vietnamese secondary school students: A cross-sectional study. *Frontiers in psychiatry*, v. 10, p. 698, 2019. DOI: [10.3389/fpsy.2019.00698](https://doi.org/10.3389/fpsy.2019.00698). Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC6777005/>. Acesso em: 6 ago. 2025.

NGUYEN, Dat Tan *et al.* Low self-esteem and its association with anxiety, depression, and suicidal ideation in Vietnamese secondary school students: A cross-sectional study. *Frontiers in Psychiatry*, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 698, 2019. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsy.2019.00698>. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychiatry/articles/10.3389/fpsy.2019.00698/full>. Acesso em: 6 ago. 2025.

OKA, Mateus; LAURENTI, Carolina. Entre sexo e gênero: um estudo bibliográfico-exploratório das ciências da saúde. *Saude soc.* v. 27, n 1, p. 238-251, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902018170524>. Disponível em:

scielo.br/j/sausoc/a/6DbV8gjdVXsPry5QQ7KHkRB/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 6 ago. 2025.

ORSO, Savana Sara Batista da Silva; PUMARIEGA, Yesica Nunez. A importância da educação sexual na construção da sexualidade feminina: uma revisão de literatura. *Revista Científica FAEMA*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 160-172, 2022. DOI:10.31072/rcf.v13i2.1146

Disponível

em: <https://revista.unifaema.edu.br/index.php/Revista-FAEMA/article/view/1146/1067>. Acesso em: 7 ago. 2025.

OLIVEIRA, Edicleia Lima de; REZENDE, Jaqueline Martins; GONÇALVES, Josiane Peres. História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. *Revista Ártemis*, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 303, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8214.2018v26n1.37320>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/37320>. Acesso em: 7 ago. 2025.

ONU MULHERES. Declaração e plataforma de ação da IV Conferência Mundial Sobre a Mulher. Pequim, 1995. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/declaracao_beijing.pdf. Acesso em: 20 mar. 2025.

PRETO, Vivian Aline *et al.* Associação entre fatores pessoais e ambientais com o estresse recente em estudantes de enfermagem. *Research, Society and Development*, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 6, p. e113962572, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i6.2572. Disponível em: https://repositorio.usp.br/single.php?_id=003030161&locale=pt_BR. Acesso em: 7 ago. 2025.

PURIFICAÇÃO, Emanuelle Rocha da; SARAIVA, Adriana; FERRAZ, Daniel Dominguez. Sexual dysfunctions in young university women: a cross-sectional study. *Revista Pesquisa em Fisioterapia*, Salvador, v.11, n. 2, p. 307–319, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.17267/2238-2704rpf.v11i2.3612>. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1253502>. Acesso em: 7 de ago 2025.

POLLAND, Allison R. *et al.* Association between comorbidities and female sexual dysfunction: findings from the third National Survey of Sexual Attitudes and Lifesty. *nt*

Urogynecol, [s. l.], v. 30, p. 377–383, 2019. DOI:10.1007/s00192-018-3739-7. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30178126/>. Acesso em: 7 de ago 2025.

QUEIROZ, M.A.C.; LOURENÇO, M.R.E.; COELHO, M.M.F.; MIRANDA, K.C.L.; BARBOSA, R.G.B.; BEZERRA, S.T.F. Representações sociais da sexualidade entre idosos. *Rev Bras Enferm.*, v. 68, n. 4, p. 662-667, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2015680413i>. Disponível em: https://reben_68-4_MIOLO_POR.indd. Acesso em: 6 ago. 2025.

RAO, T. S. Sathyanarana; NAGARAJ, Anil Kumar M. Female Sexuality. *Indian Journal of Psychiatry, [s. l.]*, v. 57, suppl. 2, p. S296-S302, 2015. DOI: 10.4103/0019-5545.161496. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC4539874/>. Acesso em: 06 ago. 2025.

ROCHA, Marina Fornari; OLIVEIRA, Juliano Karvat de. Avaliação da sexualidade feminina em estudantes de um centro universitário do oeste do Paraná. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 9, n. 9, p. 980–998, 2023. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v9i9.11205>. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/11205/4930>. Acesso em: 7 de ago 2025.

ROSENBERG, M. *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ, USA: Princeton University Press, 1965. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/j.ctt183pjhh>. Acesso em: 7 ago. 2025.

RIBEIRO, Renato Mendonça *et al.* Impacto da autoestima e dos fatores sociodemográficos na autoeficácia de estudantes de graduação em enfermagem. *Texto Contexto Enferm*, Santa Catarina, v. 29:e20180429, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0429>. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0429>. Acesso em: 9 de ago 2025.

SILVA, Victória Beatrice Diniz *et al.* Quality of sexual activity in Medical students. *Research, Society and Development, [S. l.]*, v. 12, n. 9, p. e12612943255, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i9.43255. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/43255>. Acesso em: 6 ago. 2025.

SANTOS, Silvana Cavalcante *et al.* A percepção dos idosos sobre a sexualidade e o envelhecimento. *Brazilian Journal Of Health Review*, São José dos Pinhais, v. 3, n. 2, p.

3486-3503, 2020. DOI:10.34119/bjhrv3n2-180. Disponível em:<http://dx.doi.org/10.34119/bjhrv3n2-180>. Acesso em: 6 ago. 2025.

SOFRA, Xanya; LAMPE, Nuris. Empowering the woman: A comprehensive model of sexual anti-ageing. *Journal of Aesthetic Nursing*, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 118–127, 2020. DOI: <https://doi.org/10.12968/joan.2020.9.3.118>. Disponível em: <https://www.magonlinelibrary.com/doi/abs/10.12968/joan.2020.9.3.118>. Acesso em: 6 ago. 2025.

Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2022/amostra-religoes>>. Acesso em: 19 jul. 2025.

SILVA, Victória Beatrice Diniz *et al.* Qualidade da atividade Sexual em acadêmicas de Medicina. *Research, Society and Development*, [s. l.], v. 12, n. 9, p. e12612943255, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i9.43255>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/download/43255/34878/456592>. Acesso em: 7 de ago 2025.

Tabela 3328: Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por estado civil. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3328>>. Acesso em: 19 jul. 2025.

Tabela 10065: Pessoas com nível superior completo, por áreas gerais, específicas e detalhadas de formação do curso graduação concluído, segundo o sexo e a cor ou raça. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/10065>>. Acesso em: 15 jul. 2025.

Tabela 10064: Pessoas com nível superior completo, por áreas gerais, específicas e detalhadas de formação do curso graduação concluído, segundo os grupos de idade. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/10064>>. Acesso em: 15 jul. 2025.

TASSINARI, Taís Tasqueto *et al.* Violência de gênero em mulheres estudantes universitárias: evidências sobre a prevalência e sobre os fatores associados. *Acta Colombiana de Psicología*, [s.l.], v. 25, n. 1, p. 105-120, 2021. DOI: <https://www.doi.org/10.14718/ACP.2022.25.1.8>. Disponível em: <https://actacolombianapsicologia.ucatolica.edu.co/article/download/3281/4053>. Acesso em: 9 de ago 2025.

WOLPE, Raquel E. *et al.* Prevalence of female sexual dysfunction in Brazil: A systematic review. *European Journal of Obstetrics, Gynecology, and Reproductive Biology*, [s.l.], v. 211, p. 26–32, 2017. DOI:<https://doi.org/10.1016/j.ejogrb.2017.01.018>. Disponível em: [https://www.ejog.org/article/S0301-2115\(17\)30018-0/fulltext](https://www.ejog.org/article/S0301-2115(17)30018-0/fulltext). Acesso em: 20 mar. 2025

APÊNDICES

Apêndice A – Instrumento de Coleta de Dados

Pesquisa sobre Autoestima e Sexualidade de Acadêmicas de Enfermagem
<ul style="list-style-type: none"> • Suas respostas ajudarão a investigar a correlação entre autoestima e desenvolvimento da sexualidade entre estudantes de Enfermagem • É importante que você não deixe nenhuma resposta em branco. • Ressaltamos que suas respostas permanecerão anônimas.
Seção 1: QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO, ACADÊMICO E ALIMENTAR
<p>1) Sexo: 1. () Masculino 2. () Feminino</p> <p>2) Idade: _____ anos</p> <p>3) Orientação Sexual: () Heterossexual () Bissexual () Homossexual () Outros</p> <p>4) Raça/Cor: () Branco(a) () Pardo(a) () Negro(a) () Amarelo(a)/Asiático(a)</p> <p>5) Estado civil: () Solteiro(a) () Casado(a) () Separado(a)/Divorciado(a) () Viúvo(a)</p> <p>6) Religião: () Católico(a) () Evangélico(a) () Espírita () Nenhuma () Outra religião: _____</p> <p>7) Qual curso está matriculado? () Enfermagem () Outro</p> <p>8) Em qual turno está regularmente matriculado?</p> <p>() Manhã () Noite</p> <p>9) Você se sente incomodada em conversar sobre sexo?</p> <p>() Não</p> <p>() Na maioria das vezes não</p> <p>() Na maioria das vezes sim</p> <p>() Sim</p> <p>10) Já teve relações sexuais? () Sim () Não</p> <p>11) Se sim, se sente realizada com suas relações sexuais?</p> <p>() Totalmente realizada</p> <p>() Parcialmente realizada</p> <p>() Não me sinto realizada</p> <p>12) Ao entrar na universidade, suas relações sexuais:</p>

- Aumentaram
- Nem aumentaram, nem diminuíram
- Diminuíram

13) Você acredita que sua autoestima influencia nas suas relações sexuais?

- Concordo totalmente
- Concordo
- Discordo
- Discordo totalmente

ANEXOS

ANEXO A - Escala de Autoestima de Rosenberg

Versão adaptada para o contexto brasileiro

INSTRUÇÕES: Por favor, indique o grau de concordância ou discordância em relação às declarações abaixo:

	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. Eu sinto que sou uma pessoa que tenho valor , no mínimo, tanto quanto as outras pessoas				
2. Eu acho que eu tenho várias boas qualidades				
3. Levando tudo em conta, eu penso que sou um fracasso				
4. Eu acho que sou capaz de fazer as coisas tão bem quanto a maioria das pessoas				
5. Eu acho que eu não tenho muito do que me orgulhar				
6. Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo				
7. No conjunto, eu estou satisfeito comigo				
8. Eu gostaria de ter mais respeito por mim mesmo				
9. Às vezes eu me sinto inútil				
10. Às vezes eu acho que eu não presto para nada				

ANEXO B - Escala de Quociente Sexual - versão Feminina (QS-F)

Variáveis	Nunca	Raramente	Às vezes	Aproximadamente 50% das vezes	A maioria das vezes	Sempre
1. Você costuma pensar espontaneamente em sexo, lembra de sexo ou se imagina fazendo sexo?						
2. O seu interesse por sexo é suficiente para você participar da relação sexual com vontade?						
3; As preliminares a estimulam a continuar a relação sexual?						
4. Você costuma ficar lubrificada (molhada) durante a relação sexual?						
5. Durante a relação sexual, à medida que a excitação do seu parceiro vai aumentando, você também se sente mais estimulada para o sexo?						
6. Durante a relação sexual, você relaxa a vagina o suficiente para facilitar a penetração do pênis?						
7. Você costuma sentir dor durante a relação sexual, quando o pênis penetra em sua vagina?						
8. Você costuma se envolver, sem se distrair (sem perder a concentração), durante a relação?						

9. Você consegue atingir o orgasmo (prazer máximo) nas relações sexuais que realiza?						
10. O grau de satisfação que você consegue com a relação sexual lhe dá vontade de fazer sexo outras vezes, em outros dias?						

Cálculo:

0 a 20 pontos: nulo a ruim

22 a 40 pontos: ruim a desfavorável

42 a 60 pontos: desfavorável a regular

62 a 80 pontos: regular a bom

82 a 100 pontos: bom a excelente desempenho/satisfação sexual

ANEXO C - PARECER CEP

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE AUTOESTIMA E FUNÇÃO SEXUAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS

Pesquisador: Roberto Nascimento de Albuquerque

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 84238424.5.0000.0023

Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.317.949

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa e/ou do Projeto Detalhado.

- TIPO DO ESTUDO: Quantitativo, descritivo, transversal.

- DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES: Estudantes de Enfermagem acima de 18 anos.

- NÚMERO PARTICIPANTE DAS PESQUISA: 250

- FORMA DE RECRUTAMENTO DOS PARTICIPANTES: Conveniência.

- CRITÉRIOS DE INCLUSÃO: Mulheres, acima de 18 anos, com orientação sexual heterossexual e/ou bissexual. Ressalta-se que as perguntas inerentes no QS-F possuem perguntas que são mais voltadas à essas orientações sexuais.

- Estar matriculada regularmente no curso de Enfermagem nos dois campi da instituição. Ressalta-se que a escolha do curso foi devido ao fato dos pesquisadores e professor orientador serem deste curso. Isso facilitará o processo de coleta de dados.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 7.317.949

- Assinar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE

- CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO:

- Participante inferior a 18 anos ou que não se autodeclaram heterossexuais e/ou bissexuais;
- Participante que esteja sem vínculo ou com matrícula trancada na instituição participante;
- Questionários incompletos;
- Participante que não aceite ou concorde em assinar o TCLE.

- TIPO DE INSTITUIÇÃO/LOCAL ONDE SERÁ REALIZADO O ESTUDO: Campi Universitários do CEUB;

- PROCEDIMENTOS QUE SERÃO REALIZADOS COM OS PARTICIPANTES: Questionários aplicados de forma individual;

- MÉTODO DE COLETA DE DADOS/INFORMAÇÕES: Entrevista.

- INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: (1) Questionário com variáveis sociodemográficas, acadêmicas e afetivas; (2) Escala de Autoestima de Rosenberg e; (3) Quociente Sexual Versã Feminina (QS-F)

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Investigar a relação entre autoestima e satisfação sexual de estudantes universitárias de graduação em Enfermagem de uma Instituição Privada de Ensino Superior do Distrito Federal.

Objetivos Secundários: Avaliar a autoestima de estudantes universitárias, tais como sentimentos de confiança e aceitação pessoal, sentimento de fracasso, autodepreciação, percepção de qualidades próprias e autovalorização;

Avaliar a função sexual de estudantes universitárias, tais como desejo e interesse sexual, preliminares, excitação pessoal e sintonia com o parceiro, conforto, orgasmo e satisfação.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Os riscos da presente pesquisa são baixos, tais como: cansaço ao responder o questionário e possível retração ou incômodo ao expressar uma condição referente ao ambiente acadêmico. Caso sintam-se incomodados, poderão interromper em qualquer

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 7.317.949

momento a participação e todos serão encaminhados à Clínica de Psicologia da instituição.

BENEFÍCIOS:

Como benefícios, essa pesquisa contribuirá para um maior conhecimento sobre o sentimento de autoestima das estudantes universitárias, bem como sua correlação com o desenvolvimento de sua sexualidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

- Devido à natureza do estudo, considera-se a pesquisa com risco mínimo.
 - Houve indicação correta das medidas protetivas para o risco apresentado.
 - Orçamento: os gastos serão custeados pelo pesquisador.
 - Cronograma: A coleta de dados está prevista para iniciar-se em 03/02/2025. O encerramento do projeto está previsto para 29/08/2025.
- O pesquisador deve estar ciente que só poderá iniciar a coleta de dados após a aprovação do projeto pelo comitê de ética.

- Instrumento de coleta de dados: o questionário apresentado está adequado em termos éticos.
- Contexto da realização da pesquisa: trata-se de um projeto de iniciação científica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Apresentou a Folha de Rosto devidamente preenchida e assinada.
- O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado de forma adequada.

Recomendações:

Ao final da pesquisa, deverá ser enviado o Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento.

O Modelo de Relatório Parcial ou de Finalização de Pesquisa Aprovada pelo CEP-UniCEUB pode ser acessado em <https://docs.google.com/document/d/1F8mgalAh4zNjdo1rXux6edjonU711q-E/edit>

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O pesquisador atendeu às solicitações indicadas pelo CEP. O projeto está em conformidade com os requisitos éticos e a pesquisa está em condições de ser iniciada.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 7.317.949

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto aos incisos XI.1 e XI.2 da Resolução nº 466/12 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto:

XI.1 - A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais.

XI.2 - Cabe ao pesquisador:

- c) desenvolver o projeto conforme delineado;
- d) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- e) apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento;
- f) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa;
- g) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e
- h) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Observação: O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado, com parecer homologado na 22ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB do ano em 13 de dezembro de 2024.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2441702.pdf	28/11/2024 18:48:21		Aceito
Outros	resolucao_pendencias_CEP.docx	28/11/2024 18:48:04	Roberto Nascimento de Albuquerque	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado_atualizado.docx	28/11/2024 18:47:45	Roberto Nascimento de Albuquerque	Aceito

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 7.317.949

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_atualizado.docx	28/11/2024 18:47:21	Roberto Nascimento de Albuquerque	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	23/10/2024 09:47:16	Roberto Nascimento de Albuquerque	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.docx	17/10/2024 17:43:08	Roberto Nascimento de Albuquerque	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado.docx	17/10/2024 17:42:27	Roberto Nascimento de Albuquerque	Aceito
Outros	instrumento_de_coleta_de_dados.docx	17/10/2024 17:41:25	Roberto Nascimento de Albuquerque	Aceito
Orçamento	orcamento.docx	17/10/2024 17:38:51	Roberto Nascimento de Albuquerque	Aceito
Cronograma	cronograma.docx	17/10/2024 17:38:09	Roberto Nascimento de Albuquerque	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASÍLIA, 25 de Dezembro de 2024

Assinado por:

**Marília de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador(a))**

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

ANEXO D - Termo de Consentimento Livre Esclarecido TCLE



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE

AVALIAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE AUTOESTIMA E FUNÇÃO SEXUAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS

Centro Universitário de Brasília- CEUB

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Roberto Nascimento de Albuquerque

Pesquisadoras assistentes: Isadora Alencar Barbosa de Sousa e Lívia Lopes da Silva Vidal de Miranda

Você está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo. O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo. Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo geral deste estudo é: Investigar a relação entre autoestima e satisfação sexual de estudantes universitárias de graduação em Enfermagem de uma Instituição Privada de Ensino Superior do Distrito Federal.
- Você está sendo convidado a participar por ser estudante regularmente matriculado no curso de Enfermagem do CEUB.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em responder dois questionários que durarão, no máximo, 15 minutos. O primeiro refere-se a um questionário sociodemográfico e afetivo, a Escala de Autoestima de Rosenberg e o QS-F.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada em sala de aula no turno matriculado (matutino ou noturno).

Riscos e benefícios

- Os riscos da presente pesquisa são baixos, tais como: cansaço ao responder o questionário e possível retração ou incômodo ao expressar uma condição referente ao tema abordado.
- Como benefícios, essa pesquisa contribuirá para um maior conhecimento sobre o sentimento de autoestima das

estudantes universitárias, bem como sua correlação com o desenvolvimento de sua sexualidade.

- Este estudo possui riscos baixos. Caso sua participação na pesquisa lhe cause algum incômodo, você poderá interromper em qualquer momento. A clínica de Psicologia do Centro Universitário de Brasília- CEUB será informada para poder melhor atendê-lo (a).
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados no questionário ficarão sob a responsabilidade do pesquisador responsável, Prof^o Dr. Roberto Nascimento de Albuquerque com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/CEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____ após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo. Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, _____ de _____ de _____.

Participantes

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Roberto Albuquerque Telefone: 3966-1573

Pesquisador assistente: Isadora Alencar B. de Sousa

Pesquisadora assistente: Livia Lopes da Silva V. Miranda)

Endereço dos responsáveis pela pesquisa

Instituição: Centro Universitário de Brasília- CEUB

Endereço: SEPN, 707/ 907, VIA W5 Asa Norte, Brasília- DF

Bairro: Asa Norte/ CEP: 70790-075/ Cidade: Brasília-DF

Telefone p/contato: (61) 3966-1201